



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

VIVÊNCIAS DOS ALUNOS DE MATEMÁTICA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA SOBRE APRENDIZAGEM NO ENSINO REMOTO

Autor: JOSINALVA ESTACIO MENEZES

Email: jomene@bol.com.br

Coautor: MARIA DALVIRENE BRAGA

Email: dalvirenebraga@gmail.com

Coautor: Rui Seimetz

Email: rseimetz@unb.br

Resumo – Este trabalho traz os resultados da pesquisa que realizamos, a qual objetivou investigar impressões de estudantes a respeito do ensino remoto. Nos diversos aspectos do ensino-aprendizagem.. Aplicamos um questionário via *googleforms* junto com 50 alunos de matemática da Universidade de Brasília, com perguntas abertas e fechadas, coletando dados quantitativos e qualitativos, num estudo exploratório. Nos resultados constatamos os esforços de alunos e professores em vivenciarem o ensino remoto, buscando a adaptação ao período difícil e incerto, vencer as dificuldades com as necessárias e úteis tecnologias educacionais, aguardando retorno seguro com possíveis vacinas, dadas suas condições de saúde. Seno assim, sugerimos mais pesquisas visando mais efetividade das tecnologias e adaptações discente e docente à nova realidade.

Palavras-chave: Tecnologias. Ensino Remoto. Matemática. Licenciatura.

Introdução

Nos últimos dois anos, o cenário educacional tem sido perpassado pela forte pandemia do Coronavírus, causador da COVID-19.

As turbulentas mudanças que foram impostas no sistema educacional devido à suspensão das aulas presenciais levaram todos os setores públicos e privados concernentes a um urgente redirecionamento e evidente readaptação à nova realidade. No final de 2020, foram publicados estudos importantes relacionados ao vírus. As pesquisas levaram à produção das primeiras vacinas que começaram a chegar no Brasil no início desse ano, e o processo continua.

Como potente alternativa no contexto educacional adveio o ensino remoto, denominado por Behar (2020) de Ensino Remoto Emergencial (ERE), que significa distante, no aspecto geográfico; “uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos” (p. 1), definição dada também por Ferreira (2020).

Via-se então, os docentes imersos nesse enorme turbilhão de fatos. Com a nova situação, e sem preparo anterior, os professores foram levados a adaptar seu trabalho a essa nova situação de ensino, o que incluiu a intensificação da internet e outras tecnologias.

Diante desse contexto, realizamos a pesquisa, no primeiro semestre letivo de 2020, cujo objetivo foi investigar como os estudantes, do Instituto de Ciências Exatas – IE, de uma universidade pública vivenciam o ensino remoto nos diversos aspectos do ensino-aprendizagem.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e o ensino de matemática

As discussões em torno das tecnologias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, inicialmente tecnologias educacionais, depois Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) e, atualmente, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), vêm crescendo dentro



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

deste contexto.

Skovsmose (2015, p. 14) descreve que “Tecnologia não é algo *adicional* que podemos pôr de lado, como se fosse uma peça, um martelo. Vivemos em um ambiente tecnologicamente estruturado, uma *tecnonatureza*”, da qual a Matemática faz parte. Ponte (1995) ressalta que o uso de tecnologias no ensino da Matemática trouxe vários ganhos ao processo de ensino e aprendizagem. Para Braga, Menezes, Seimetz e Silva (2019) e Braga et al. (2019), o ensino de

matemática por meio das TDIC proporciona ao professor ferramenta adicional para trabalhar em sala de aula, e têm favorecido significativos avanços, tanto com respeito à compreensão de conceitos e conteúdos matemáticos quanto no aprimoramento da prática docente pelo professor.

Alunos e professores em contato com as TDIC tornam-se investigativos e não apenas receptivos, eles encontram novas fontes de ideias que vão além dos seus próprios pensamentos, começam a observar, refletir e atribuir significados, criando suas próprias conjecturas, o que torna válida a inserção das TDIC no contexto acadêmico podendo ser, atualmente, o mais potencial aparato educativo para o momento de pandemia.

O ensino remoto na atualidade: um grande desafio

Como já mencionado, o ERE significa distante, e esse distanciamento geográfico de professores e alunos gerou grande mudança na educação. Mediadas pelas TDIC, as escolas particulares logo se inseriram nessa nova modalidade de ensino, com retorno imediato de seus efeitos e implicações no processo ensino-aprendizagem. Nesse período, nas instituições de ensino superior, em especial nas universidades públicas, a comunidade acadêmica/científica, além de atuar especificamente no combate à pandemia através da área de saúde, com pesquisas, tratamento de doentes e produção de medicamentos e outros produtos para o combate ao coronavírus, como medicamentos, realizou diversas reuniões para debater as formas de atuação em tempos de pandemia e, no segundo semestre de 2020, a maioria das instituições iniciou as atividades nesta modalidade de ensino remoto junto aos discentes.

Vemos, então que docentes e discentes nos sentimos desafiados ante essa nova e inusitada situação; o advento do coronavírus realmente impactou de forma inequívoca nosso contexto profissional. Embora escassas, algumas pesquisas se fazem presentes no ensino remoto da matemática, como Cunha (2021) e Ferreira *et. al.* (2020), o que nos levou a realizar essa pesquisa.

Metodologia

Escolhemos para nossa pesquisa a Universidade de Brasília, localizada no Distrito Federal (DF), sendo a única do local. A referida instituição tem o curso de matemática em Brasília, no qual atuamos como professores e/ou pesquisadores e teve situações bastante extremas com relação ao andamento da pandemia nesse tempo, o que tornou possível coletarmos dados representativos de todo o DF durante o período de ensino remoto, o que torna válida a pesquisa.

Para um retrato o mais fiel possível do quadro real realizamos, em 2020.2, um estudo exploratório descritivo, sem intervenção, com 50 graduandos dos cursos de Matemática. Os alunos, são dos três turnos, dos 16 aos 50 anos, alguns trabalham e outros apenas estudam ou são bolsistas da universidade.

Para coleta de dados aplicamos um questionário, na plataforma *googleforms*, corroborando com as orientações atuais de distanciamento social. No referido questionário



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

constam perguntas fechadas e abertas, algumas com opções de justificativa e outras com a possibilidade de marcar mais de uma opção ou alternativa.

Para a análise dos dados-respostas, assim procedemos: as respostas às questões fechadas, correspondendo à parte quantitativa, foram sistematizadas e analisadas segundo as orientações de Chizzotti (2017), a partir das quais faremos as possíveis inferências e, as respostas às questões abertas, relacionadas às justificativas e explicações, bem como as opiniões, foram categorizadas e organizadas para análise segundo as orientações de Bardin (2016). Estas últimas formam a parte qualitativa. Depois, então, procederemos à conclusão e os encaminhamentos.

Cabe-nos destacar que transcrevemos as falas como os participantes escreveram, salvaguardando o respeito aos dados.

Resultados

A partir dos dados coletados nas respostas dos questionários, vamos analisar cada questão, sendo descrita ou transcrita para melhor compreensão dos resultados.

Os participantes são 31 alunos e 19 alunas, 21 estudando pela manhã, 21 à tarde e 08 à noite, distribuídos pelos oito períodos, concentrados no 5º e 6º períodos. Passaremos à análise.

Perguntamos, na questão um, os tipos de atividades nas quais os alunos participam no ensino remoto. A universidade ofereceu disciplinas, projetos iniciação científica (PIBIC e PIC), ensino e extensão, residência, monitoria, seminários, participação em grupos de pesquisa e laboratório e microempresa. Três deles declaram não terem feito nada; todos os 47 restantes e um que não cursava disciplinas declararam terem cursado de duas a cinco disciplinas, específicas de matemática ou de ensino; vinte e dois alunos declararam ter participado de ações ou projetos de pesquisa e extensão e um deles declarou estar fazendo residência. Aqui, notamos a disposição dos alunos em continuar a vida acadêmica dos alunos, mesmo no modo remoto.

Em seguida, na questão dois indagamos que equipamentos utilizam para acompanhar as atividades remotas e constatamos que 38 deles usaram smartphone; outros 33 usaram notebook e mais 13 usaram computador, lembrando que pertencem aos participantes; 28 declararam usar mais um equipamento, três participantes usaram os três. Tudo que reforça a importância do acesso às TDIC por parte dos estudantes nessa época histórica, como enfatizam Braga, Menezes e Seimetz (2019) e Ponte, (2005).

As atividades remotas (questão três) são acessadas em casa, sendo que dois deles também o fazem de casa de parentes ou amigos que emprestam equipamentos.

Focando a seguir a vivência no modo remoto. Na questão seguinte, indagamos aos participantes se conseguiam acompanhar as atividades e compreender os conteúdos, justificando em caso de resposta negativa. Aqui, convém destacar que parte das respostas não foi “sim” nem “não”, mas as expressões remetem a “em parte”, tais como: “mais ou menos”, “em parte sim”, “em parte não”, “não muito”, “no geral sim”, etc., correspondendo a vinte e quatro das respostas; tivemos ainda dezenove respostas “sim” e sete respostas “não”. As justificativas foram categorizadas em i) metodologias docentes, ii) buscas de outras fontes de informação, iii) dificuldades discentes, iv) dificuldades estruturais, conforme os destaques:

Assim, vamos transcrever algumas falas que ilustram as categorias, uma de cada:

i) *“...gostaria de enfatizar uma coisa boa que o ead fez que foi incentivar os professores a disponibilizarem mais materiais de estudo para os alunos, isso pra mim tá fazendo uma grande diferença, apesar de eu estar estudando 100% por conta própria.”* (Aluno 35)

ii) *Tenho acompanhado de maneira mais independente, com livros e fóruns por fora* (Aluno 11).

iii) *“Estou conseguindo acompanhar, mas alguns conteúdos ficam com lacunas que não são preenchidas pelas dúvidas que não são sanadas como poderia ser nas aulas presenciais.”* (Aluno 39).

iv) *“...” Sim, a maioria, mas vezes a internet não deixa atrapalha e eu perco a aula.”* (Aluno 25).

Destacamos o equívoco de um aluno referindo-se a EAD, pois esse ensino difere do remoto (BEHAR, 2020). Depois disso, passamos a questionar a respeito da qualidade da internet disponível aos participantes (questão cinco). As opções assinaladas foram *“Excelente”* (sete respostas), *“Boa”* (19), *“Regular”* (20), *“Ruim”* (quatro), *péssima* (zero). Aqui inferimos que a qualidade da internet é importante como a boa oferta de TDIC (MENEZES, BRAGA e SEIMETZ, 2019).

Na questão seis, indagamos: *“O áudio nos equipamentos que você utiliza para participar das atividades remotas é”*: Obtivemos oito respostas *“excelente”*, dezenove *“boa”*, dezesseis *“regular”* e sete *“ruim”*., e novamente nenhuma *“péssima”*. Aqui, inferimos que, recebendo do mesmo aparato tecnológico, a diferença de qualidade está nos equipamentos que cada um dispõe.

Perguntamos, na questão sete, o quanto compreenderam/aprenderam dos conteúdos no período remoto, um aluno assinalou *“tudo”*; 33, *“quase tudo”*; oito, *“quase nada”* e três *“nada”*. Cinco deles deram resposta que poderia ser entendida como metade do conteúdo, conforme a transcrição selecionada:

“Varia de professor para professor. Há matérias que ando aprendendo super bem e outras que não entendo nada.” (Aluno 34)

Perguntamos, na questão oito, se os alunos conseguiam resolver as atividades solicitadas pelo professor, pedindo justificativa. Dezessete deles responderam *“sim”*, trinta e um assinalaram *“em parte”* e os restantes dois afirmaram *“não”*. Houve ainda dezenove justificativas, que foram categorizadas em *“questões conectivas”*, *“questões metodológicas docentes”*, *“montante de atividades”* e *“dificuldades pessoais”*. Aqui, atentamos para reforçar a necessidade da atuação do professor no sentido de organizar atividades adequadas ao formato do ensino, atentando para as necessidades dos alunos (PONTE, 2015), como à importância da lida com TDIC eficientes, que permitam as condições necessárias de acesso (MENEZES, BRAGA, SEIMETZ e SILVA, 2019).

Transcrevemos as respostas:

“Grande parte, porém possuir grupos com o contato do professor facilita para tirar dúvidas.” (Aluno 2)

“A grande maioria das vezes não. São muitas atividades propostas pelos professores, na maioria das vezes em quantidades maiores que no ensino presencial.” (Aluno 13)

“consigo, pois apesar das dificuldades o acesso a internet ajuda bastante.” (Aluno 49)

Passamos à questão nove, na qual perguntamos a forma de avaliação utilizada nas disciplinas que cursaram, com as opções *“prova”*, *“listas de exercício”*, *trabalho reflexivo”*, *“Participação e assiduidade”* e *“outro”*, e podendo assinalar mais de uma alternativa. Todos assinalaram *“prova”*. Trinta e sete declararam resolver *“lista de exercício”*, vinte e um assinalaram

“participação e assiduidade”, quinze indicaram “trabalho reflexivo” e quatro citaram “outros”, embora não explicassem o que. Aqui, novamente destacamos a necessidade de o docente estar atento ao seu trabalho, num processo de avaliação, pois remotamente, não se pode dar assistência ao aluno, assim a atividade deve ser elucidativa ao aluno que a vai fazer (CUNHA, 2021).

Em seguida pedimos aos participantes, na questão dez, que avaliassem o ensino remoto como “excelente”, “bom”, “regular”, “ruim” ou “péssimo”. Nenhum deles assinalou “excelente”; dezesseis assinalaram “bom”, vinte e três assinalaram “regular”, nove assinalaram “ruim” e os restantes dois assinalaram “péssimo”. Atentamos as respostas concentraram maioria em “bom” e “regular”, o que sugere certa tendência a aceitação do ensino remoto. As vinte e sete justificativas, as positivas remeteram ao esforço dos professores, às facilidades de organização do tempo, e a chance de reassistir as aulas por vídeo. Já as negativas remeteram à nostalgia da presença de colegas e o acesso aos professores, ao excesso de atividades e às fragilidades da tecnologia s/ remeteram, refletidas em duas falas transcritas:

“Bom. O ensino remoto permiti o aluno ter mais tempo, tanto para estudar quanto para se organizar.” (Aluno 34)

“Regular. não haver um padrão, os professores parecem terem ficado desamparados pois cada um está fazendo de uma forma diferente, o que acaba prejudicando no processo no ensino-aprendizagem.” (Aluno 18)

Na próxima questão (onze), indagamos em seguida em relação a perspectiva de continuação do ensino remoto, com as opções *Excelente, boa, regular, ruim ou péssima*, e solicitando justificativa. Obtivemos que um participante respondeu “4 anos”, resposta que não compreendemos. Dos outros, seis assinalaram “excelente”, doze assinalaram “bom”, nove assinalaram “regular”, treze marcaram “ruim” e os restantes sete assinalaram “péssimo”. Metade justificou a respostas, e as categorizações remeteram ao acesso ao professor, ao receio dos riscos da pandemia, o desejo da presença dos colegas, para o que destacamos duas respostas:

“Excelente a pandemia ainda está ocorrendo e essa é a única opção que temos no momento.” (Aluno 22)

“Ruim, acho que a situação desmotiva a todos, prejudicando a qualidade.” (Aluno 26)

Indagamos a seguir (questão doze) qual a motivação dos participantes para estudar remotamente, com as mesmas opções da questão anterior, assim como, solicitando que justificassem a escolha. Os dados apontaram quatro opções “Excelente”, treze “bom”, onze “regular”, treze “ruim” e nove “péssimo”. Das 24 justificativas, apenas duas favoráveis remeteram à flexibilidade das aulas e ganho de tempo por não precisar deslocamento; as 23 desfavoráveis remeteram à diminuição do tempo, o baixo entusiasmo, o desejo de retomada da rotina anterior à pandemia, a queda da qualidade do ensino e as distrações em casa. Destacamos duas falas:

Bom. Eu acho que me motiva as aulas mais flexíveis.” (Aluno 34)

Ruim. A motivação para estudar é baixíssima (Aluno 13)

Enquanto professores e seres humanos, preocupa-nos os efeitos psicológicos negativos nos alunos, embora não possamos ajudar nesse aspecto a não ser indicar onde buscar ajuda



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

profissional, talvez o departamento de psicologia do nosso campus. Enquanto docentes, cabe-nos

envidar esforços no sentido de buscar alternativas metodológicas para nosso trabalho docente, embora nós mesmos, vivenciando a situação, dessa forma, vivemos efeitos desfavoráveis da mesma. Nossa experiência no semestre anterior juntamente com nossa vivência presencial tem mostrado a importância do diálogo com os alunos, no sentido de buscar saber de suas necessidades relativas ao processo ensino-aprendizagem, e buscar saber como contribuir para diminuir todos os efeitos prejudiciais ao processo.

Passando à questão treze, perguntamos o que a Universidade poderia fazer para melhorar o acesso dos participantes às atividades com resposta livre. Gostaríamos, com essa questão, saber como as estruturas acadêmicas, físicas e de acolhimento da Universidade, como um todo, poderia contribuir para a melhoria da aprendizagem dos alunos. Dois alunos não responderam, catorze responderam “nada” ou “não sei”, com duas respostas equivalentes: “já tenho acesso a todas”. As respostas desfavoráveis sugerem melhoria da plataforma virtual, melhoria nos métodos do professor e atividades menores/menos. Outros elogiam os consideram que na instituição já fazem o que podem, e investir em aulas mais lúdicas. Vamos destacar uma fala:

Primeiramente abandonar o SIGAA, que foi um retrocesso. Em segundo lugar, unificar as plataformas de acesso e de aula. Atualmente tenho aulas via zoom e teams, gravadas ou não, no moodle matemática, no aprender 2 e no aprender 3.

Seguindo nossa análise, na questão catorze indagamos o que os professores poderiam fazer, na opinião dos participantes, que são alunos da universidade, para melhorar o desempenho dos mesmos. Com essa questão, nossa preocupação era, de novo, saber as formas de contribuição cabíveis e viáveis aos docentes, para benefício da aprendizagem daqueles.

Outra vez, as respostas remeteram i) ao reconhecimento do esforço docente, e aspectos concernentes ii) *tecnologias*. Um fato curioso é que sempre há alguma menção ao desejo de convergência entre aulas presenciais e aulas remotas. Transcrevemos uma fala de cada, entre as categorias citadas:

i) *“Pessoalmente estou satisfeito com o empenho dos professores. Nesse sentido não faço solicitações apenas agradecimentos (Aluno 44).*

“Serem mais didáticos e resolverem mais exercícios com os alunos, muitos professores só ensinam a teoria e nos empurra a parte prática sem muita ajuda.” (Aluno 42).

ii) *“As provas deveriam ser todas assíncrona, tem uma disciplina que o professor passa provas síncronas e eu morro de medo de dá problema na conexão e o pior que já deu. Me sinto prejudicado por isso as vezes.” (Aluno 25).*

Voltamo-nos em seguida para os participantes enquanto alunos, perguntando (questão quinze) o que poderiam fazer para melhorar o próprio desempenho. As respostas remeteram a seis categorias: i) aspectos psicológicos e físicos; ii) adequação de local para estudo; iii) organização/empenho; iv) dificuldades pessoais; v) socialização; vi) melhorar as tecnologias; um não sabe, três responderam nada e quatro respostas extrapolaram o aluno, como “*Estudar mais? Acho que não.*” (Aluno 10). Destacamos mais respostas relativas a mais dedicação, rotina de estudos e buscar um local mais adequado para estudar.

Perguntamos depois se os participantes gostaram de aulas presenciais para todos no



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

próximo semestre (questão dezesseis). Destacamos logo que trinta e um deram respostas positivas ou negativas, condicionando a volta à segurança quanto à pandemia, sinalizando

aguardar a vacina. Quatro responderam categoricamente “não”, um deles argumentando estarem adaptados ao ensino remoto. Esse fato aponta uma consciência por parte desses, que declararam ter parentes em risco e poderiam levar o vírus para casa. Outros onze responderam que sim, alguns enfaticamente, alegando não adaptados ao ensino remoto ou desejarem voltar ao “antes”. Os restantes quatro se mostraram indecisos, considerando suas vivências sociais. Dentre os que responderam sim, destacamos três ecléticos, que responderam “*Presencial com transmissão seria perfeito*”. Informamos aqui que nos últimos dois meses, tem havido discussões disponíveis na internet em relação a volta segura às aulas em situação de pandemia, com a participação de várias instituições de ensino.

Na questão dezessete, indagamos como os participantes queriam as aulas no próximo semestre: “presenciais”, “remotas” ou “presenciais com transmissão à distância de forma simultânea”, e respectiva justificativa. Obtivemos sete respostas para “*presenciais*” com duas justificativas referentes ao desejo de interação; dezenove para “*presenciais com transmissão simultânea à distância*”, com catorze justificativas, que remeteram às categorias “*liberdade de escolha*”, “*falta de vacina e a comorbidade de alguns*” e receio de que alguns não respeitem as orientações de cuidados para o vírus; e vinte e duas opções “*Remota*”, com sete justificativas, todas remetentes a cautela quanto ao vírus e ainda não existência de vacina para todos.

Pedimos, na questão dezoito, para avaliarem as atividades das quais já haviam participado até então, entre “*Excelente*”, “*Bom*”, “*Regular*”, “*Ruim*” e “*Péssimo*”, com justificativa. Surpreendentemente, ninguém assinalou “ruim” ou “péssimo”. Tivemos sete escolhas para “excelente”, vinte e cinco para “bom” e dezessete para “regular”. Quanto às justificativas, a maioria (18) elogia o trabalho docente, três remetem às tecnologias, positivas ou negativas, e as restantes trazem questões particulares. Novamente, remetemos à necessidade de uso atualizado e adequado das TDIC, como parte integrante de um bom processo ensino-aprendizagem (PONTE, 2015). Destacamos a considerada resposta mais completa, da avaliação “regular: “*Vários professores estão se virando e surpreendendo positivamente com a criação de bons materiais de estudo, mas os métodos de avaliação de quase todos são inadequados para este período e as disciplinas que ainda tentam fingir que estão no método presencial, trocando a sala de aula pelo teams, são um grande empecilho para o desenvolvimento dos estudantes.*”

O tema da questão seguinte (dezenove) foi as tecnologias disponíveis para as atividades. Indagamos como os participantes as avaliavam, com as mesmas opções anteriores. Obtivemos seis escolhas “Excelente”, com duas justificativas; vinte e duas para “bom” com cinco justificativas; dezenove “regular” com doze justificativas; duas escolhas para “ruim”, sem justificativas e uma “péssimo” com justificativa. Os que assinalaram “excelente” ou “bom”, referiram-se a conseguir acompanhar as atividades com as tecnologias disponíveis. Quanto aos que assinalaram regular, ruim ou péssimo, constatamos um elogio e várias críticas para as plataformas virtuais quanto à atualização, além de uso considerado inadequado pelos docentes das mesmas, além de relatos de dificuldades com a *internet*.



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

Encerramos o questionário (questão 20) abrindo espaço para comentário livre, visando coletar alguma eventual opinião que não fosse contemplada em questões anteriores. Recebemos

três elogios diretos: “Ótima iniciativa” (Alunos 15 e 19) e “Obrigado” (Aluno 47). Consideramos que refletem o avanço docente (FERREIRA et al, 2020). Quanto aos comentários negativos, destacamos algumas falhas: a tecnologia e alguma atuação docente. Foram criticados o tamanho e a estrutura do questionário, que já justificamos antes. Quanto aos positivos, a maioria elogios à atuação dos professores e à tecnologia apesar de algumas falhas. Um aluno mostrou rejeição total ao ensino não presencial. Há sugestões de ajuste de metodologia e do sistema de avaliação, e mensagens de esperança de superarmos o momento e voltarmos ao ensino presencial.

Conclusão

Para esta pesquisa, objetivamos investigar como os discentes de uma universidade pública vivenciam o ensino remoto nos diversos aspectos do ensino-aprendizagem, o que cremos ter alcançado. Aplicamos um questionário online, respeitando as orientações acadêmicas em tempos de COVID-19, e analisamos as respostas. Constatamos a necessidade de mais ajustes nas metodologias docentes, o que seria de esperar, em vista do inusitado da situação de aula remota, diferente da aula presencial, já destacado por Behar (2020).

Observemos nos alunos que a dificuldade de organização das atividades tem se refletido no rendimento. Acrescentando a isso os problemas pessoais e a insegurança do período, gerando jovens ansiosos e temerosos do futuro, necessário se faz, enquanto professores, de organizarmos nosso trabalho docente para trazer mais tranquilidade ao aluno. É preciso a busca do aumento da interação com os alunos, já que o professor é a maior fonte de informação, e a situação só permite em ambientes tecnológicos, razão pela qual consideramos continuar as pesquisas visando auxiliar os alunos a encontrarem soluções para a sua vida “entrar nos eixos” Dessa forma, reconhecem o empenho dos professores, diante da situação de perplexidade, da qual emergimos e nos reinventamos.

Os desafios continuam, e perseguimos vencê-los. É uma empreitada conjunta, em que coesos e mirando o mesmo objetivo, que é a melhoria do ensino-aprendizagem, e com um pouco mais de experiência, cremos estar mais perto do alcance. Sigamos em frente.

Referências

BARDIN, Lawrence **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 3ª reimp., 2016.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O ensino remoto emergencial e a educação a distância**. Criado em 06.07.2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia>>. Acesso em: 05 nov.2020.

BRAGA, Maria Dalvirene; MENEZES, Josinalva Estacio; SEIMETZ, Rui, SILVA, Wesley Pereira da . (orgs). **Metodologias do Ensino em Matemática**: ações lúdicas, vol. II. Brasília: Paco Editorial, 2019.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

CUNHA, Gabriela. **138 iniciativas, recursos e inspirações para o ensino online em tempos de pandemia**. Disponível em <<https://aulaincível.com/kitcovid19/>>. Acesso em 27.06.2021.

FERREIRA, Leonardo Alves; CRUZ, Brazliana Diniz da Silva; ALVES, Aureliano de Oliveira; LIMA, Ivoneide Pinheiro de. Ensino de matemática e COVID-19: práticas docentes durante o ensino remoto. **EM TEIA** – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana – vol.



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

11 - número 2 – 2020.



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

MENEZES, Josinalva Estacio; BRAGA, Maria Dalvirene; SEIMETZ, Rui. A formação de licenciandos em matemática com o ensino mediado pelas TDIC: visões estudantis e perspectivas profissionais. In: NEVES, Regina da Silva Pina, DÖRR, Raquel. Carneiro. (orgs). **Formação de Professores de Matemática: desafios e perspectivas**. Brasília: Appris, 2019.

PONTE, João Pedro da. Novas tecnologias na aula de matemática. **Educação e Matemática**, 34, 2-7, 1995.

SKOVSMOSE, Ole Um convite à Educação Matemática criativa. Campinas: Papyrus. **Perspectivas em Educação Matemática**, - SBEM. E-book, 2015.